

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**DIÁLOGOS SOBRE RACISMO E REPRESENTATIVIDADE POR
MEIO DE AUTORRETRATOS DE UMA CRIANÇA NEGRA**

KÉSSIA CRISTINA NOLETO DA COSTA

CIDADE DE GOIÁS
2020



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia - Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Kerissa Cristina Nobeto da Costa

Matrícula: 20171100080043

Título do Trabalho: Diálogos sobre o racismo e representatividade por meio de fotografias autorretratos de uma criança negra

Autorização - Marque uma das opções

- ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
- ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
- ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiás 11/02/2021
Local Data

Kerissa Cristina Nobeto da Costa

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

KÉSSIA CRISTINA NOLETO DA COSTA

**DIÁLOGOS SOBRE RACISMO E REPRESENTATIVIDADE POR
MEIO DE AUTORRETRATOS DE UMA CRIANÇA NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Câmpus Cidade de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Esp. Wagner Carlos Falcão

Coorientadora: Profa. Dra. Paula Renata Almeida Lima.

CIDADE DE GOIÁS
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

305.896

C837d Costa, Késsia Cristina Noleto da.

Diálogos sobre racismo e representatividade por meio de autorretratos de uma criança negra / Késsia Cristina Noleto da Costa ; orientador, Wagner Falcão Carlos; coorientadora, Paula Renata Almeida Lima – Cidade de Goiás, 2020.

44 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, Departamento de Áreas Acadêmicas, Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

- Autorretrato. 2. Identidade negra. 3. Racismo. I. Carlos, Wagner Falcão, orientador. II. Lima, Paula Renata Almeida, coorientadora. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. IV. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

TERMO DE APROVAÇÃO

KÉSSIA CRISTINA NOLETO DA COSTA

DIÁLOGOS SOBRE RACISMO E REPRESENTATIVIDADE POR MEIO DE AUTORRETRATOS DE UMA CRIANÇA NEGRA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de LICENCIADA EM ARTES VISUAIS e desenvolvido na linha de pesquisa Educação, escola e ensino de arte, sob orientação do Prof. Wagner Falcão Carlos e coorientação da Profa. Dra. Paula Renata Almeida Lima.

Aprovado em 11 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Prof. Esp. Wanger Falcão Carlos (Presidente - orientadora)

(assinado eletronicamente)

Profa. Dra. Paula Renata Almeida Lima (Coorientadora)

(assinado eletronicamente)

Profa. Dra. Cibele de Guadalupe Sousa Araújo (Membro Interno)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Alexandre José Guimarães (Membro Interno)

Documento assinado eletronicamente por:

- Alexandre Jose Guimaraes, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 12/02/2021 15:54:32.
- Wagner Falcão Carlos, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 12/02/2021 12:58:38.
- Cibele de Guadalupe Sousa Araújo, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 12/02/2021 12:15:19.
- Paula Renata Almeida Lima, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 12/02/2021 12:09:49.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 12/02/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 130885

Código de Autenticação: 49b77dd04e



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, Centro, CIDADE DE GOIÁS / GO, CEP 76600-000

(62) 3371-9057 (ramal: 9057)

DEDICATÓRIA

Quero dedicar este trabalho às crianças desse país, que terão muita luta no decorrer de suas vidas, principalmente em relação ao combate ao racismo. Por mais que nos tempos atuais esteja acontecendo mudanças, elas ainda ocorrem em passos lentos. Espero que meu trabalho sirva de inspiração e, assim, seja possível alcançar o mínimo que se espera das pessoas, direito ao básico - educação, saúde e lazer a todos.

Às crianças que tiveram suas vidas interrompidas por conta de balas perdidas, que se alojam nos corpos negros, espero que essas fatalidades não aconteçam com a frequência espantosa em que ocorrem em nosso país e, dessa forma, as crianças possam crescer e ter a esperança de dias melhores, pois elas são o futuro.

Acredito no poder transformador da criança para quebrar paradigmas e conceitos que são inseridos em nossa educação desde a invasão do nosso país.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois Ele é minha fortaleza e edifica minha casa e minha família.

Ao meu marido, pois foi meu maior incentivador e, sem ele, nem teria começado a cursar a graduação em Licenciatura em Artes Visuais.

Agradeço às minhas filhas, que são meu apoio e minha inspiração.

À minha mãe, por ser uma mulher alegre, incrível e que fez sacrifícios que hoje sei o quanto lhe custaram.

Ao meu pai que sempre que preciso me socorre com disposição e amor.

À minha irmã, que torna minha luta mais leve, pois me faz acreditar que as pessoas podem ser boas.

Ao meu irmão, que é um ser extraordinário e prestativo.

À minha sogra, por ter gerado o amor da minha vida.

Agradeço por ter ingressado no IFG e conhecido colegas que levarei como parte importante nesta minha jornada transformadora.

Aos professores do curso de Licenciatura em Artes Visuais que acompanharam meu desenvolvimento durante toda a graduação.

Aos professores que aceitaram prontamente participarem da minha banca de defesa, Dr Alexandre José Guimarães, IFG - Câmpus Inhumas, e Dra Cíbele de Guadalupe Sousa Araújo, IFG-Câmpus Cidade de Goiás

Agradeço ao meu orientador, professor Wagner Falcão Carlos, e à minha coorientadora Dra Paula Renata Almeida Lima, que foram pacientes com o processo de desenvolvimento deste trabalho. Eles foram compreensivos e tiveram paciência e generosidade para comigo.

“Numa sociedade racista,
não basta não ser racista,
temos que ser antirracista”.
(Angela Davis)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso parte da observação de alguns desenhos no gênero autorretrato produzidos por minha filha, que é uma criança negra, e assim se representa em tais desenhos, para refletir sobre racismo e representatividade. Desse modo, esta pesquisa busca estabelecer discussões e reflexões sobre o racismo e representatividade apoiada na proposta de cruzamento de imagens sugerida por Samain (2013), a fim de debater sobre quais subjetividades elas reverberam em nosso imaginário. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e interpretativista, que faz uso de experiência pessoal (ESTEBAN, 2010). No primeiro capítulo, apresentamos discussões que dizem respeito ao lugar de fala e visibilidade (RIBEIRO, 2019a; 2019b), ao racismo estrutural e ao racismo institucional (ALMEIDA, 2019) e à identidade negra (SOUZA, 1983). No segundo capítulo, partimos para apresentar alguns pensamentos suscitados pela associação de algumas imagens cruzadas em três painéis distintos, todos tendo como ponto de partida, na sua construção, os desenhos da criança, partindo da ideia de que as imagens são capazes, assim como os textos, de ampliar a discussão acerca das identidades negras e das narrativas que as compõem. Como mãe e Arte-Educadora devo entender a importância das imagens e como elas atuam no subconsciente e que podem ser positivas na construção da identidade de crianças negras.

Palavras-chave: autorretrato; identidade negra; imagens cruzadas; racismo; criança negra;

RESUMEN

Este trabajo de conclusión de curso parte de la observación de algunos dibujos del género autorretrato, producidos por mi hija que es una niña negra, y, de esta forma, ella se representa en tales dibujos para reflexionar sobre racismo y representatividad. De este modo, esta investigación intenta establecer discusiones y reflexiones sobre el racismo y la representatividad, apoyada en la propuesta de intersección de imágenes, según Samain (2013). Todo ello con el objetivo de debatir sobre cuáles son las subjetividades que reverberan en nuestro imaginario. Se trata de una pesquisa de carácter cualitativo e interpretativista, pues parte de una experiencia personal (ESTEBAN, 2010). En el primer capítulo, presentamos discusiones sobre el lugar de habla y visibilidad (RIBEIRO, 2019a; 2019b), sobre el racismo estructural, el racismo institucional (ALMEIDA, 2019) y sobre la identidad negra (SOUZA, 1983). En el segundo capítulo, trabajamos algunos pensamientos levantados por la asociación de algunas imágenes cruzadas en tres paneles distintos. Además, como punto de partida, todos tienen, en su construcción, los dibujos de la niña, a partir de la premisa de que las imágenes son capaces, también como los textos, de ampliar la discusión acerca de las identidades negras y de las narrativas que las componen. Como madre y Arte-Educadora, debo entender la importancia de las imágenes y cómo actúan en el subconsciente y que pueden ser positivas en la construcción de la identidad de niñas negras.

Palabras clave: autorretrato; identidad negra; imágenes cruzadas; racismo; niña negra.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fotografia de Sophia ao lado de desenho seu	16
Figura 2: Painel de Saiman (2013)	18
Figura 3: Painel 1	31
Figura 4: Painel 2	33
Figura 5: Painel 3	36

LISTA DE SIGLAS

IFG-INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS

PPP-PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

IPEA-INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA

IPHAN-INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO

NACIONAL NEABÍ-NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS,
INDÍGENA, DE GÊNERO E SEXUALIDADES DO IFG CIDADE DE GOIÁS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - DIÁLOGOS SOBRE O RACISMO	21
CAPÍTULO II - DIÁLOGOS A PARTIR DO CRUZAMENTO DE ALGUMAS IMAGENS COM OS DESENHOS DA SOPHIA	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Quando abordamos o tema racismo e trazemos essa pauta para a discussão, é fundamental entendermos que a luta antirracista não deve ficar somente a cargo da luta por representatividade, uma vez que minorias ocupando espaços de poder não significa, na prática, impedimento para a reprodução de normas e de conceitos racistas. Ao tratarmos das questões que envolvem o racismo, é fundamental entendermos sua origem e como ele funciona em nossa sociedade. O estudioso Almeida (2019, p. 24) afirma que o termo raça vai estar inevitavelmente ligado às circunstâncias históricas em que está sendo utilizado, pois “se trata de um conceito relacional e histórico”.

Com isso, entendemos que, ainda, não é possível separar as causas negras da palavra raça. A escravização, por ser um processo lento de trazer esses corpos para onde eles não residiam, resultou neste processo de degradação e espoliação que conhecemos hoje como colonialismo. Logo, o racismo resulta de ações em que foram criados mecanismos e ações para a desumanização das pessoas e suas características físicas, como cor da pele, ou mesmo a nacionalidade passam a ser cruciais para definir seu lugar na sociedade. Em decorrência disso, o racismo se torna responsável pela segregação racial, criando formas possíveis para se manter a hegemonia de quem detém o poder.

Se não houver combate às diversas formas de racismo, seja ele estrutural ou institucional, não há como existir mudanças, como vai nos dizer esse mesmo autor, “a mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou repúdio moral do racismo: depende antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas”. (ALMEIDA, 2019, p. 52).

O combate ao racismo deve ser contínuo. Ribeiro (2019a) diz que não devemos ter medo das palavras “branco”, “negro” ou “racismo”. Almeida (2019) corrobora essa ideia, afirmando que a mudança ocorreu em processo de análise sobre nosso conhecimento do mundo e de nós mesmos, significando que, “mesmo quem busca ativamente a consciência racial já compactuou com violências contra grupos oprimidos”. (Ibidem, p. 08-09a). Assim, é válido lembrar sempre que “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social”. (RIBEIRO, 2019, p. 50b). Sendo assim, é importante se pensar em medidas que coíbam o racismo individual e institucional.

Esta mesma estudiosa Ribeiro (2019b) nos traz o conceito de *lugar de fala*, que

se origina do lócus social, a partir do seu ponto de vista, de acordo com suas experiências em comum. Nesse sentido, a branquitude falar e discutir racismo é importante, pois ela vai usar o seu lugar de privilégio, uma vez que é autorizada a falar e tem mais facilidade para ser ouvida. Nessa perspectiva, esse ato é importante para que as pessoas se responsabilizem e tomem atitudes que coíbam o racismo na sociedade brasileira, principalmente as que deslegitimam e violam esses corpos física e psicologicamente.

Sendo assim, fica claro que não é função das pessoas negras terem que explicar e falar sobre racismo o tempo todo. É importante que a sociedade como um todo procure se informar sobre o assunto. Para nós, que temos acesso às bibliotecas universitárias, a responsabilidade é ainda maior. Ribeiro (2019, p. 41a) ainda nos diz que “algumas atitudes simples podem ajudar as novas gerações, como apresentar para crianças livros com personagens negros que fogem de estereótipos”. Valorizar positivamente as contribuições das populações negras é benéfico a todos nós, pois conhecer histórias africanas promove a construção da subjetividade das pessoas negras, além de quebrar a visão dessa hierarquia que a branquitude tem em relação às pessoas negras. Desse modo, “se disserem que ser antirracista é ser ‘o chato’, tudo bem. Precisamos continuar lutando” (Ibidem, p. 42a), pois os espaços de poder também vão reproduzir falas e condutas racistas.

Pensando nisso, quando observarmos os desenhos da primeira parte da infância, podemos perceber que as crianças têm uma noção de espaço, perspectiva e traço. Elas se desenham não só pelo que veem no espelho, mas de acordo com as imagens que perpassam no seu cotidiano e que farão uma grande diferença em seu imaginário e na sua subjetividade. A partir dessa perspectiva, esta pesquisa busca discutir como a representatividade melhora a autoestima da criança, tendo uma importância muito grande, principalmente, na criança negra. Conforme vai crescendo e entendendo o mundo como um todo, ela vai percebendo que os espaços de importância são, geralmente, ocupados por pessoas brancas. Assim, ela percebe a negação da sua beleza, das suas origens e vai negando sua cor, seu cabelo, suas descendências.

A motivação para este trabalho surgiu a partir da observação dos desenhos da minha filha, Sophia. Eu, como discente do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás - não podia deixar de trazer esta questão à tona, pois, como futura arte-educadora, tenho que pensar em novas formas de desenvolver arte, evitando estigmas que foram colocados em nós, pela própria escola,

quando tivemos contato com essa disciplina no passado, por meio da qual fomos conduzidos a uma padronização estética e eurocentrista.

Reside nisso a relevância de trazer para os espaços escolares artistas locais, negras ou negros, autores, para que possamos ver a arte em outras perspectivas. A intenção não é ignorar as estéticas românticas, góticas, barrocas, entre outras que fazem parte do tradicional e clássico, mas deixar claro que essa estética de arte não é a única existente, principalmente para nós, que moramos na América do Sul e temos padrões e origens diferentes da Europa.

Minha filha, ao ser questionada sobre o que achava da ideia de usar seus desenhos em meu trabalho, respondeu que se sentia lisonjeada e tem muito orgulho de seus desenhos. Ela sempre foi estimulada, por mim e por seu pai, a se olhar no espelho e se achar bonita. Também sempre foram usados os recursos de livros e bonecas para que ela entendesse que a cor de sua pele e seu cabelo são bonitos e que cada pessoa tem suas características, por isso, ela não precisa se parecer com ninguém para ser bonita. Ao contrário do que as mídias nos dizem com imagens, na maioria das vezes, de mulheres altas, magras e loiras. Como podemos abstrair esse modelo de mulher ideal, se somos uma população miscigenada? Logo, eu digo à minha filha que esse padrão não nos representa. Abaixo, apresento uma fotografia sua ao lado de um desenho que ela mesma produziu.

Figura 1: Fotografia de Sophia ao lado de desenho seu



Fonte: Acervo pessoal

A partir do tema e das problemáticas apresentadas, este trabalho de conclusão de curso parte da observação de alguns desenhos produzidos por minha filha, que é negra e assim se representa em tais desenhos, para refletir sobre racismo e representatividade. São desenhos realizados entre 2014 e 2016. Apresento desenhos da minha filha com o intuito de mostrar que, quando a criança é estimulada positivamente sobre sua imagem, ela irá se retratar exatamente com essa positividade.

Ao fazer o cruzamento de imagens e suas leituras, tenho como objetivo entender quais as subjetividades que elas reverberam em nosso imaginário e quais são os seus objetivos à nossa volta, levando em consideração que toda imagem é portadora de um pensamento, como nos diz Samain (2013).

A criança negra sofre um processo que é chamado de invisibilidade. Isso ocorre porque algumas ações presentes em seu cotidiano são, geralmente, vistas como normais. A maioria das pessoas não as classificam como racismo. Assim, falas e até mesmo atitudes de exclusão em brincadeiras podem estar permeadas de racismo. Dessa forma, muitas vezes, a criança negra, por não ter a positividade de suas características, não irá se retratar como negra. É importante agir de modo a descolonizar nossos olhares, para que

possamos encontrar as identidades sociais e assim, entender “como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades”. (RIBEIRO, 2019, p. 31b).

Trata-se de um processo histórico, não é possível fazer essa desconstrução de uma só vez, mas existem debates a serem feitos para que um dia isso se torne exequível. Ao usar os desenhos de minha filha, tento trazer imagens que dialogam com eles.

É importante começarmos a falar sobre a invisibilidade das mulheres e crianças negras. Assim, tornar-se salutar romper com a ideia de padronização dos corpos das mulheres, pois somos muitas, cada uma com sua beleza, sua cor, seu corpo, etc.

Para atingir os objetivos articulados nesta pesquisa de caráter qualitativo, foram pensados alguns percursos. Farei uso de experiência de questões que fazem parte do mundo real, sendo de caráter interpretativo, usando metodologias que enfatizam a produção cultural e a cultura visual. Assim, entende-se que:

[a] pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos. (ESTEBAN, 2010, p. 127).

A pesquisa qualitativa tem um caráter interpretativo, faz uso de experiências particulares e tem como objetivo a diversidade de metodologias. É nesse sentido que me proponho a investigar sobre a representatividade da criança negra a partir de seus desenhos. Há uma precariedade no uso de recursos que retratem as crianças negras. A educação tem que começar a incorporar autoras negras e autores negros contando suas narrativas, mostrando suas origens. Não estamos sugerindo que parem de usar os “clássicos literários” ou artistas, mas que seja possível adicionar novas perspectivas na educação. Nessa perspectiva, entendemos que nossa pesquisa é relevante, pois

o objetivo de compreender em profundidade os fenômenos educativos pode ser o primeiro passo para uma transformação real, a partir das necessidades sentidas pelos próprios protagonistas desse contexto educativo e para essa realidade”. (ESTEBAN, 2010, p. 132).

Usarei como metodologia as Imagens Cruzadas, proposta por Saimain (2013). Conforme este autor nos explica, “toda imagem é uma memória de memórias” (Ibidem, p. 23). Assim podemos pensar: qual a lembrança dessa imagem? O que essa imagem quer nos dizer? Quais outras imagens podem nos remeter? A partir do cruzamento de

imagens, teremos “um conjunto de dados sînicos”, logo uma imagem é uma “forma de pensar” (Ibidem, p.23). Samain (2013) afirma que as imagens possuem um potencial de suscitar pensamentos e ideias ao se associarem a outras imagens, promovendo, a partir de combinações quase infinitas possíveis de serem realizadas entre elas, o que chama de *movimento de ideias*. A seguir, apresento algumas imagens combinadas pelo autor, para demonstrar um exemplo de cruzamento, metodologia em que me apoio neste trabalho.

Figura 2: Exemplo da metodologia Imagens Cruzadas





Fonte: Samain (2013)

Acima, Samain (2013) apresenta três fotos: a primeira, Madona de Bentalha, de Hocine Zaourar, 1997; a segunda Vigília noturna Kosovo, de Georges Mériillon, 1990; a última, Maíra-Sérvia, de Petar Pecanac, 2011 e faz conexões entre as imagens, seja do ponto de vista da forma, seja em relação ao contexto das imagens. As imagens passam por nosso imaginário, nos fazem sonhar, possibilitam que reflitamos sobre algo ou as questionamos, uma vez que “toda imagem é portadora de um pensamento”. (Ibidem, p. 22).

Logo, eu, como futura Arte-Educadora, me sinto provocada a trabalhar com as imagens. Estas, por sua vez, não estão jogadas ao acaso, estão ali por algum motivo e temos que entendê-las, “escutar” o motivo de estarem ali, deixando claro “que toda imagem leva consigo, primeiramente, algo do objeto representado” (Ibidem, p. 22).

Temos que nos perguntar quais são os signos que as imagens carregam consigo. Ao perceber que elas falam, também, e que podemos trabalhá-las, porque “uma imagem forte é uma “forma que pensa e nos ajuda a pensar” (Ibidem, p. 24), elas vão se comunicar independente da nossa interferência, pois têm vida própria e vão continuar a existir mesmo depois de partirmos, como por exemplo o quadro de Mona Lisa, pintura de Leonardo da Vinci.

Além da metodologia acionada para explorar os desenhos, realizei uma Entrevista semiestruturada com Sophia, autora dos desenhos, levando em conta as considerações de Manzini (2003) para buscar a coleta de informações básicas e me orientar no processo de interação com a informante.

Ao longo do primeiro capítulo, abordaremos alguns conceitos como *lugar de fala* (RIBEIRO, 2019b), *racismo institucional* e *racismo estrutural* (SOUZA, 1983;

ALMEIDA, 2019) e discutiremos que a desigualdade social não é só um processo individualizado, mas que faz parte de estrutura social, não sendo meramente reduzido a uma falha de caráter de quem comete a discriminação. Isso porque o racismo está na estrutura social, o racismo estrutural é uma forma velada de violência para as minorias, em que não há reconhecimento dessas ações como tal.

CAPÍTULO I - DIÁLOGOS SOBRE O RACISMO

Por vezes temos falas e comportamentos que são normalizados, mas que podem ser ofensivos para grande parte da população negra. Um exemplo: se procurarmos a “Etimologia” de muitas palavras e termos usados até hoje observaremos que eles têm origem no tempo do Brasil escravocrata. Estão nesse contexto expressões como “*Cabelo ruim*”, fazendo referência pejorativa aos cabelos crespos e cacheados; ou “*denegrir*”, como sinônimo de “Enegrecer, Manchar ou Infamar” (FERREIRA, 1988, p.155).

Em função do reconhecimento da marcante presença do racismo, apresentado de forma subjetiva ou explícita, tem se tornando comum ouvirmos expressões como “racismo é errado, somos todos humanos” (ALMEIDA, 2019, p. 36). Contudo, apesar de aparentar indicar um avanço em relação ao seu combate, tais termos carregam consigo uma falsa moralidade, minimizando as questões referentes ao racismo, especialmente diante de um histórico de atrocidades protagonizada, inclusive, com o “apoio de líderes políticos, religiosos, e dos considerados ‘homens de bem’”, conforme afirma Almeida (2019, p. 37).

Dizer que não existe racismo é negar a existência de privilégios. Almeida (2019, p. 82) afirma que, “no Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustenta-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava ao seu alcance”.

São acionadas várias estratégias para tentar desqualificar as lutas contra o racismo como, por exemplo, a apropriação de termos e críticas realizadas pelos movimentos de luta antirracista, distorcendo os sentidos reais das críticas realizadas, como o uso do termo *racismo reverso*, servindo “tão somente para deslegitimar as demandas por igualdade social”. (ALMEIDA, 2019, p. 53).

Os grupos minoritários podem até ser preconceituosos, como tenta fazer referência a acusação presente no termo *racismo reverso*. Contudo, o fato de não terem o poder sistêmico para exercer práticas que impeçam, por exemplo, que a pessoa branca não consiga a vaga de emprego só por ser branca, torna falsa essa ideia de um racismo

ao contrário. Então precisamos entender que “a dominação racial é exercida também pelo complexo cultural em que as desigualdades, a violência e a discriminação racial são absorvidas como componentes da vida social”, como nos explica Almeida (2019, p. 75-76).

Apesar do Brasil ser um país com forte miscigenação, o contexto racista em que está imerso leva a situações gradativas de racismo, em que quanto mais retinta a pessoa é, mais preconceito ela sofre. Existe um orgulho patriota em dizer que o Brasil é um país miscigenado, há uma “naturalização da miscigenação forçada durante o período colonial, perpetuam o mito da democracia racial”, conforme Ribeiro (2019, p. 19a). Durante muito tempo essa miscigenação foi feita de forma bruta e violenta e, principalmente, na época da colonização, os termos supracitados, são alguns exemplos de palavras que podemos considerar corriqueiras, mas que diminuem e massacram as identidades negras e por, alimentando um sistema que inferioriza as pessoas negras perante a sociedade.

Almeida (2019, p. 74) nos diz que “o problema de considerar o racismo como obra da supremacia branca ocorre quando se considera esse termo fora do contexto histórico”. É preciso entender que a supremacia branca não teve um intuito planejado para fazer a prática de sua supremacia, mas isso se deu em decorrência de serem os detentores de tecnologias marítimas, possuírem armamentos, saberem fazer uso da ciência e de possuírem uma economia forte. Foi um projeto de dominação racial lento, em que os grupos foram classificados por raça e cor. Logo, não há como separar o conceito de supremacia de fatores históricos, pois isso reduz o combate ao racismo, tirando os elementos de dominação, diminuindo, então, a determinação econômica, social e política das práticas que colocaram a supremacia branca em um poder hegemônico.

A supremacia branca, como nos diz Almeida (2019), pode ser estabelecida como a dominação que as pessoas brancas têm em vários âmbitos sociais e, como resultante dessa dominação, a branquitude tem privilégio políticos, econômicos e afetivos, pois o sistema atua a seu favor. É fato que o racismo se dá acionando o argumento da suposta superioridade de alguns grupos em função de sua etnia ou raça e é importante compreendermos como esse processo pode se dar. A ideia de supremacia branca nos ajuda a entender como foi consolidada essa hegemonia, que depende de quem detém o poder, os recursos e a economia, para fazer a construção social da pessoa branca e da pessoa negra. Nesse sentido, Almeida (2019, p. 77), corrobora tal ideia, explicando que

“características físicas ou práticas culturais são apenas dispositivos materiais de classificação racial que fazem incidir o mecanismo de distribuição de privilégios e de desvantagens políticas, econômicas e afetivas”.

Quando Almeida nos diz isso ele refere-se ao fato de não ser apenas fatores físicos para a classificação do racismo, foi a partir de um processo histórico e longo que se deu o que ele classifica como à supremacia branca, ao falarmos sobre racismo, logo se pensa que a reclamação é apenas ligada ao uso de termos explícitos de desrespeito, como quando um sujeito se refere ao outro chamando-o de “macaco”. Observar apenas a injúria manifestada verbalmente pode induzir a que se passe despercebido o racismo estrutural, pois, por exemplo, a manifestação da ofensa verbal que busca desumanizar o corpo negro legitima cenas como uma pessoa seguida em uma loja por ser negra, ou quando invadem um beco de um bairro periférico e já chegam atirando. Não é difícil perceber, ao investigar um pouco tais palavras/termos, que seu uso só potencializa e alimenta esse sistema do racismo estrutural, como nos explica o estudioso Almeida (2019, p. 34):

[o] racismo que se materializa como discriminação racial- é definido por seu caráter sistêmico [...] processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. O racismo articula-se com a segregação racial.

Ao discutirmos “racismos”, consideramos também a distinção entre “racismo institucional” e racismo estrutural, que não são iguais e descrevem fenômenos diferentes” (ALMEIDA, 2019, p. 35). Segundo este estudioso, o conceito de racismo institucional é um avanço para as causas negras, pois não se trata de uma ação individual, mas sim coletiva. Desse modo, as instituições pré-estabelecem normas e conceitos que a sociedade vai absorver e dar continuidade sem questionar. Logo entende-se que as instituições carregam consigo os conflitos sociais. Então, cada conceito terá um peso diferente para a disseminação do racismo, e as instituições, por se tratarem de uma concretização das estruturas sociais, absorvem essas estruturas. Já o “racismo estrutural” se consolida na estrutura social, tornando algumas falas e atos “normais” pela sociedade, dando a entender que “comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção”. (ALMEIDA, 2019, p. 50).

Logo, entendemos que a desigualdade social não se trata de um processo

individual, em que somente o indivíduo é responsável pelo racismo de forma exclusiva, entendendo-se que as instituições corroboram de forma massiva para a perpetuação do racismo. Por serem hegemônicas e detentoras do poder, podem manipular políticas favoráveis aos seus interesses e, por isso, é necessário compreender que o racismo estrutural é parte da ordem social, quer dizer que, “não é algo criado pela instituição, mas por ela reproduzido”. (ALMEIDA, 2019, p.47).

Ao admitir a existência do racismo institucional, devemos pensar em maneiras de romper essas ações racistas. Nesse sentido seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, como nos explica Almeida (2019). A partir da ocupação das “minorias” em espaços de visibilidade e de poder, devemos entender que não basta somente ter esses corpos fazendo parte de congresso, espaços de destaque em empresas, instituições, o combate ao racismo não deve estar apenas a cargo das relações cotidianas, pois as “instituições vão reproduzir práticas sociais corriqueiras”, como afirma Almeida (2019, p.48). Então, mesmo que esses corpos estejam ocupando esses espaços, serão alvo de alguma violência explícita ou implícita. Sendo assim, se a sociedade é racista, as instituições também vão reproduzir falas racistas como piada, silenciamento, isolamento, de acordo com este mesmo autor.

Somos bombardeados com informações, imagens que nos são lançadas em forma de mídias televisionadas, filmes, propagandas, etc. Tudo isso nos ajuda a formar nossa identidade. Ao pensar sobre imagem, constatamos que não se trata apenas do que vemos, o fato de a imagem passar pelo imaginário é o que possibilita não termos uma tese única sobre o que está a nossa frente, de acordo com Hernández (2011).

Ao analisar os desenhos de minha filha, pude perceber que ela sempre fez desenhos de autorretrato (se representava nos desenhos), usando lápis de cor marrom e seus cabelos bem crespos. Considerando a complexidade que envolve as imagens com as quais nos deparamos e analisando os desenhos de minha filha, podemos perceber que o processo de formação da identidade para as crianças negras é menos estimulado, pois elas não se veem retratadas de forma positiva nem têm sua beleza em evidência na maioria das imagens observadas no cotidiano delas.

É fato que a situação tem mudado um pouco, levando em consideração que já existem leis como a nº 10.639/2003 (BRASIL,2003) e a nº11.645/2008 (BRASIL,2008) as quais reconhecem e asseguram, pelo menos em teoria, que as questões étnico-raciais sejam contempladas no universo escolar. A primeira inclui a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-Brasileira” e a segunda inclui a obrigatoriedade da

temática “Histórica e cultura Afro-Brasileira e indígena”. Contudo, esse processo de mudança tem sido bem lento.

Pensando em processo de mudanças de comportamentos, um dos aspectos que comprometem as causas negras é o que chamamos de racismo estrutural em que “o capitalismo necessita de condições subjetivas”, como nos explica Almeida (2019, p.168), ou seja, os sujeitos são conduzidos a reproduzir falas, conceitos e produzir força de trabalho sem questionar a “separação entre estado e sociedade civil” (Ibidem, p. 168), criando, assim, discriminação e preconceitos que serão inseridos na construção do alicerce de nossa sociedade. De forma bastante clara, esse mesmo autor vai nos dizer ainda que este processo não é espontâneo, “os sistemas de educação e meios de comunicação em massa são aparelhos que produzem subjetividades culturalmente adaptados em seu interior. (Ibidem, p. 169).

Existe um mecanismo que torna natural este processo de racismo estrutural, pois a hegemonia branca é exercida não só por questões raciais, mas também por aspectos culturais, fazendo assim a incorporação do racismo na nossa base social. Tal ideia é corroborada por Souza (1983, p. 19), que afirma o seguinte:

[a] sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre a cor negra e a posição social inferior.

Quando se discute raça, o branco geralmente não se classifica como uma, ele vai, na maioria das vezes, classificar os outros como raça - o negro ou o índio -, e dificilmente ele mesmo. Quando o faz, na maior parte das vezes, coloca-se em posição de superioridade. O branco é, portanto, quem classifica e não o classificado.

Nesse sentido, quando tratamos sobre raça e questões étnicas, já nos remetemos à figura do negro ou à do indígena. Existe um problema nesta questão, em que “tanto o ‘ser branco’ quanto o ‘ser negro’ são construções sociais”. (ALMEIDA, 2019, p. 77). A classe dominante arquiteta formas de dominação racial, uma vez que “a dominação racial é exercida pelo poder, mas também pelo complexo cultural em que as desigualdades, a violência e a discriminação racial são absorvidas como componentes da vida social”. (Ibidem, p. 76).

Por isso, é importante pararmos de romantizar a necessidade dos sujeitos sobre suas lutas. Temos que entender que, “quando pessoas negras estão reivindicando o direito de ter voz, elas estão reivindicando o direito da própria vida”. (RIBEIRO, 2019,

p.42b). Há de se fazer uma reflexão sobre quem pode falar. Assim, devemos pensar, a partir daqui sobre o *lugar de fala*, lembrando que, quando uso este conceito, não é por uma perspectiva individual e sim “das múltiplas condições que resultam nas desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados”. (RIBEIRO, 2019, p. 62-63b).

O conceito *lugar de fala* não tem a ver com a visão essencialista de que só o negro pode falar sobre o racismo como nos explica a estudiosa Ribeiro (p. 64b), mas ao falarmos sobre racismo, é importante não utilizar concepções alienadas das informações que chegam até nós. Os brancos devem começar a ter consciência dos espaços de privilégio que ocupam. Isso não significa afirmar que uma pessoa branca não tenha que lutar por seu espaço, e que não passe por privações, pois sabemos que:

o branco periférico não está no topo da cadeia alimentar, pois não é europeu nem norte-americano e, ainda que descenda de algum, sempre haverá um negro ou índio em sua linhagem para lhe impingir algum defeito. (ALMEIDA, 2019, p.79)

Sendo assim, intitulam os brancos como pardos, mestiços, logo os brancos periféricos não se reconhecem como brancos. Foi construída na base de nossa sociedade uma conduta normativa em que o branco é o centro do mundo, e que teremos acima da linha do Equador a origem do mundo, e abaixo seriam as raças subalternas, ou seja, “ser branco é atribuir identidade racial aos outros e não ter uma”. (Ibidem, p.78). É comum, por exemplo, ao sermos questionados com uma pergunta simples sobre quantas autoras e autores negros lemos durante o período de sua graduação, como exemplifica Ribeiro (2019b), obtermos uma resposta, geralmente, negativa. Desse ponto de vista, começamos a entender que a identidade negra é, por vezes, silenciada, apagada dos espaços de privilégio.

É fundamental compreender que “essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam, impedem que a população negra acesse certos espaços” (RIBEIRO, 2019, p.63b). Assim, o uso da palavra “fala” não está somente no ato de vocalizar, e sim, neste caso em poder existir, como afirma a referida autora: “pensamos em lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”. (Ibidem, p. 64b). É entender que, quando as pessoas, principalmente as mulheres negras, reivindicam o direito à voz, elas estão pedindo o direito de existir e não só de resistir. “Não se trata de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social ocupado por certos grupos restringe

oportunidades”. (RIBEIRO, 2019, p. 60b).

É necessário que seja permitido aos negros contar suas histórias e seus prazeres e suas origens. A branquitude deve, de forma a não tomar o prestígio dos negros em relação a essas narrativas, pensar em como quebrar algumas barreiras, como contribuir que esses sujeitos se tornem narradores de suas histórias. Para poder desassociar o termo raça das lutas negras, é necessário combater veementemente as desigualdades sociais que foram construídas ao longo do tempo, lembrando-se que, “por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico”. (ALMEIDA, 2019, p.24).

No campo das Artes Visuais, essa perspectiva não se faz diferente, ao pensarmos como a cultura visual é concebida. Segundo Hernández (2011, p. 33), a cultura visual “[...] Não é somente isso que o sujeito vê (em um museu, em uma exposição, em um filme, etc.), mas o que se localiza e onde o sujeito é localizado e fixado pelo discurso do qual faz parte isto que ele vê (e que o vê). Dessa forma, entendemos que questões raciais foram construídas de forma lenta, incorporadas à nossa sociedade, levando em conta que quem possuía a voz era a hegemonia branca, construindo uma identidade em torno da ideia de raça para todos os não brancos, menos para si.

Sendo assim, a leitura de imagem vai depender de fatores históricos e sociais nos quais estamos inseridos como sujeitos. Para a construção da identidade, precisamos de nos ver representados, de perceber que, de facto, é possível alcançar o que queremos. Nessa perspectiva, o autor Hernández (2011, p. 34), considera que

[a] cultura visual quando se refere à educação, pode-se articular como um cruzamento de relatos em rizoma (sem uma ordem pré-estabelecida) que permite indagar sobre as maneiras culturais de olhar e seus feitos sobre cada um de nós. Por isso não nos enganemos, pensamos (sabemos) que não vemos o que queremos ver, mas sim aquilo que nos fazem ver.

A hegemonia branca, caracterizada pelo fato de o grupo dominante manter o controle e o poder, vai fazer o uso de violência e de consensos que legitimam sua dominação. Não se deve limitar o racismo somente a aspectos comportamentais, é muito importante que possamos entender que ações racistas estão na fala, na maneira em que vemos as pessoas negras. O racismo foi um processo longo em que se consolidou em nossa estrutura social a fim de manter o poder dos dominantes aos dominados. Ao nos dizer isso Almeida (2019) nos leva a entender que há vários fatores

históricos, sociais e culturais envolvidos nessa discussão, como privilégio de acesso à educação, moradia, saúde, entre outros aspectos que evidenciam essas diferenças sociais. Esse sistema tem que ser rompido para que certos comportamentos e falas que limitam, silenciam e matam as pessoas negras deixem de ser comuns e, ao mesmo tempo, ignoradas pela sociedade como um todo.

Souza (1983) discute as diferentes formas de como a identidade negra é negada, e afirma que

[a] autoridade da estética branca que define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classicista, onde os lugares de poder e tomada de decisão são ocupados hegemonicamente por brancos. Ela quem afirma: 'O negro é o outro do belo'. É esta mesma autoridade quem conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que descriminam uns em detrimento de outros. (SOUZA, 1983, p. 29)

É fácil percebermos, no nosso cotidiano, a partir de um senso comum construído de forma histórica e socialmente, como o sujeito é constrangido em seus passos para assumir uma identidade negra ou, muitas vezes, de ser identificado positivamente desse modo pelo outro. Isso fica visível quando observamos comportamentos que buscam negar essa identidade. Dessa forma, é comum que se refiram às pessoas negras como morenas, negras com traços finos, entre outros eufemismos, como se usar o termo negro fosse sinônimo de algo negativo, inferior ou ruim.

Nesse contexto, por sabermos que o racismo foi construído de forma processual, que envolve questões históricas, culturais e sociais, é importante considerarmos como os comportamentos de negação da identidade negra estão presentes, também, no seio familiar. Muitas vezes, de forma inconsciente, pais negros ou não reproduzem o racismo em seus lares e reverberam isso na educação de seus filhos. O estudioso Brandão (1981) corrobora essa ideia ao afirmar que:

[a] educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam[...]em sua sociedade [...] nos iludimos achando que a educação está só no âmbito escolar. Estamos educando o tempo todo nossos filhos, com exemplos e, principalmente, com atitudes. A educação existe onde não há escola e por toda parte vai haver redes e estruturas sociais de transferências de saber” (BRANDÃO, 1981, p. 10-13).

No caso das famílias negras ou com integrantes negros, sobretudo, as identidades e os pais precisam ter consciência sobre a condição que lhes foi imposta

pela sociedade a fim de quebrar o ciclo de racismo e de todas as consequências que ele abarca. Souza (1983, p. 03) explica que “as identidades normativo-estruturantes propostas por pais aos filhos são a mediação necessária entre o sujeito e a cultura”. Nisso está a importância de conscientização e reconhecimento básico das características de si mesmos e dos filhos, a partir das narrativas que envolvem o processo histórico, cultural e social pelo qual os negros passaram a fim de impedir que a criança negra cresça negando sua origem e suas características e que fique passível da sujeição que lhe impuseram.

É com essa preocupação que proponho, no próximo capítulo, a análise dos desenhos de minha filha, de modo a correlacioná-los com outras imagens que, ao serem cruzadas com os desenhos, dialogam entre si e ampliam a discussão acerca das identidades negras e das narrativas que as compõem.

CAPÍTULO II - DIÁLOGOS A PARTIR DO CRUZAMENTO DE ALGUMAS IMAGENS COM OS DESENHOS DA SOPHIA

Os desenhos feitos por minha filha, em que ela se retrata desde seus quatro anos, com a cor negra e os cabelos crespos, somam 139 desenhos, desde as garatujas até os produzidos no ano de 2020. Para este estudo, selecionei os sete que achei mais marcantes em relação à forma como ela retratou suas características físicas. Proponho o cruzamento desses desenhos com outras imagens que se associam a eles. Dessa forma, apresento painéis, com as respectivas reflexões realizadas a partir da discussão empreendida nesta pesquisa, que diz respeito à formação da identidade negra, ao modo como a autora dos desenhos se vê e, também, como ela identifica os membros de sua família.

Quando Hernández (2011) nos fala o que é a cultura visual e como ela influencia a nossa visão do mundo, quer dizer que cultura visual está além do que vemos em filmes, séries, anúncios de publicidade, em uma fotografia, e diferentes espaços visuais. Assim, é preciso nos atentarmos ao momento histórico que nos encontramos, revisando relatos de outras épocas e de suas representações visuais. Nessa perspectiva, a representação visual se abre para diversos debates e metodologias, não somente em relação à visão e à imagem, mas a processos históricos e culturais de sua visualidade.

Ao nos atentarmos ao contexto histórico e político em que as imagens estão inseridas, como nos explica Hernández (2011), devemos fazer reflexões como: “Que sentido essa imagem tem para mim?” “O que ela traz de mim?”. Desse modo, é importante entender qual a real importância dessas representações visuais em nossa formação identitária uma vez que as imagens perpassam por nosso imaginário e reverberam em nossa identidade.

No intuito de empreender essa discussão, apresento o **Painel 1**:



A Imagem 1¹ é um desenho de Sophia de 2014 sobre o Dia da Consciência Negra, que é celebrado no Brasil em 20 de novembro e está incluso no calendário escolar. Ela fez o desenho de três mulheres negras com as mãos dadas, que enxergo como um símbolo de resistência e sororidade entre essas mulheres.

Na Imagem 2², temos um autorretrato da Sophia, feito em 2015, em que ela está com tranças nos cabelos cheios de enfeites. As tranças para as mulheres negras são um símbolo de resistência e empoderamento. Uma forma original de usar os cabelos, uma alternativa que não cai na imposição de se ter que alisá-los. Além de facilitarem o dia a dia de quem tem cabelos crespos, as tranças mostram que mulheres negras podem apresentar-se da forma como desejarem.

A Imagem 3³ é uma foto de Sophia (2020), com cabelos trançados. Assim como discutimos em relação à Imagem 2, para as mulheres/crianças negras, as tranças são mais que um penteado bonito, revelam uma questão de resistência e identidade. Existem vários tipos de tranças, podendo, muitas vezes, indicar pertencimento a algum grupo

¹Fonte: acervo pessoal.

² Fonte: acervo pessoal.

³ Fonte: acervo pessoal.

étnico, estado civil e até características específicas de cada mulher.

A Imagem 4⁴ trata-se de uma obra da artista plástica brasileira Renata Felino, que faz autorretratos em protesto à padronização de figuras brancas, a fim de quebrar o conceito estético de beleza universal. Além de espelhar a cultura africana em suas obras, por meio da estética da Pop Art, Renata Felino recriou sua versão de personagens como Marilyn Monroe.

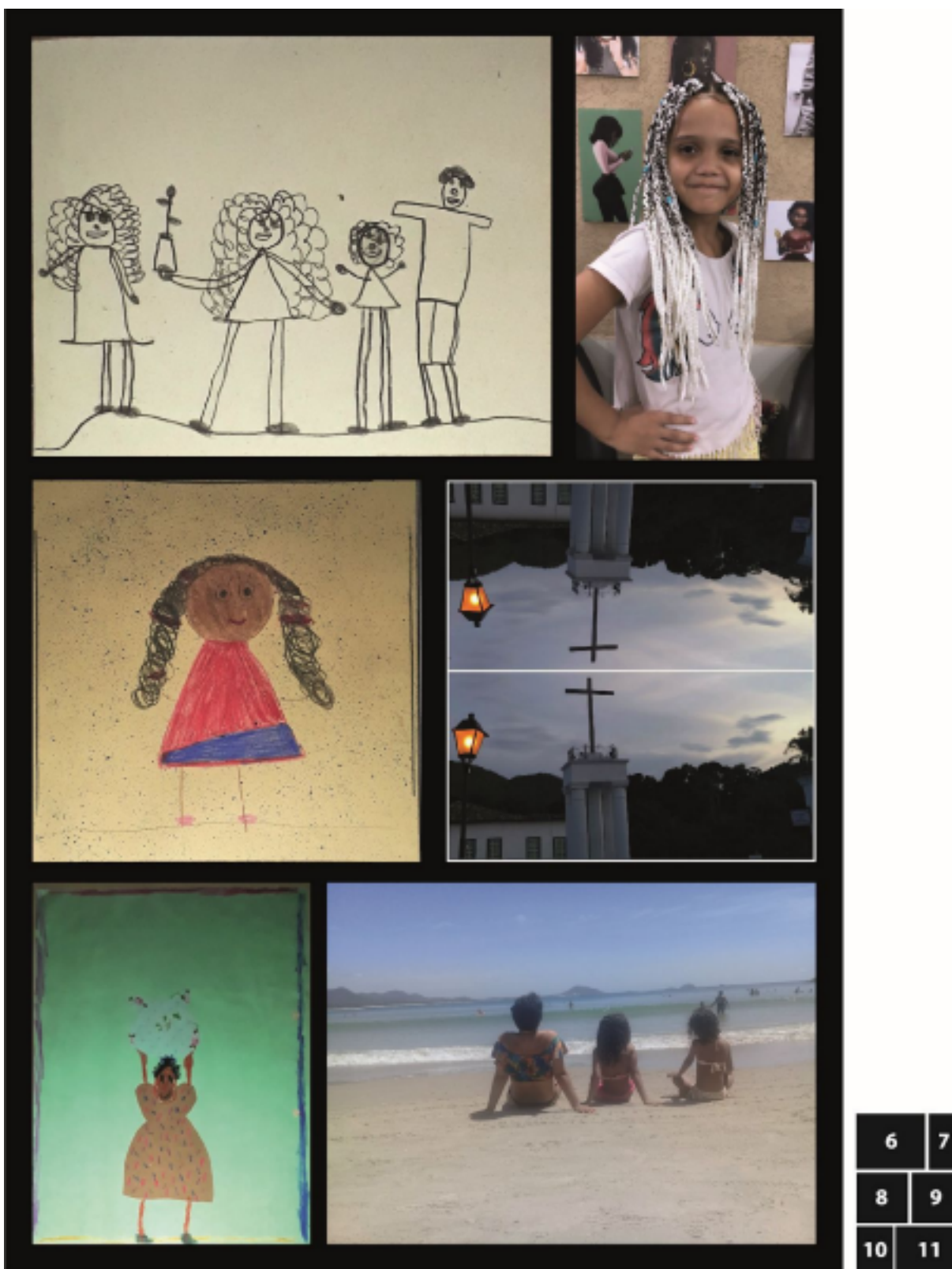
A Imagem 5⁵ é uma foto de Sophia, com os braços abertos, desenhando seu caminho com leveza. Ela é minuciosa ao escolher seu visual, pensa nos pequenos detalhes e usa cada roupa e acessório, de forma que enxergo como uma expressão do empoderamento de uma criança que aprendeu e continua a aprender a reconhecer suas características e entender que sua beleza não precisa parecer com a de ninguém.

As imagens estão em uma conexão de empoderamento, pois como são ou representam um instante em que foram retratadas ou desenhadas, elas têm uma ação forte no subconsciente. Saimain (2013) explica que a imagem é tão significativa, que deveria ser classificada como um ser vivo, e não como objeto, por elas carregam uma memória, uma lembrança ou um pensamento.

A seguir, apresento o **Painel 2**:

⁴ FELINTO, Renata. **Artista plásticas negras: 4 gringas icônicas e suas peças**. Blog Laarte Em 20 de agosto de 2020 Por Agência Papoca. Disponível em: <<https://laarte.art.br/blog/artistas-plasticas-negras/>>. Acesso em 18 de Janeiro de 2021.

⁵ Fonte: acervo pessoal.



A Imagem 6⁶ trata-se de um desenho feito por Sophia, em 2017, no qual ela representa cada um dos membros de sua família. A autora Iavelberg (2013) fala da

⁶ Fonte: acervo pessoal

importância dos desenhos no ambiente escolar. Afirma, ainda, que os professores que respeitam as identidades e os processos criativos dão permissão e liberdade para que a criança seja a protagonista de seu trabalho.

A Imagem 7⁷ apresenta a maior questão de Sophia em relação a seu cabelo. Ela, desde pequena, gostaria de tê-lo longo, mas seu cabelo demora a crescer. Então, ela prefere usar tranças, pois assim poderá balançá-lo e senti-lo ao vento, mesmo estando trançado. Essa imagem remete à mesma reflexão que já discutimos em relação às imagens 2 e 3.

A Imagem 8⁸ diz respeito ao autorretrato feito por Sophia em 2016. É visível, assim como em outros desenhos, que Sophia não tem problema em se reconhecer como uma menina negra. Além de usar o lápis de cor marrom para representar sua cor de pele, ela representa seu cabelo amarrado e crespo, como se fosse bem longo, o que já discutimos na Imagem 7.

Na Imagem 9⁹, temos a cidade em que moramos, a qual foi reconhecida como Patrimônio Cultural Mundial, pela Unesco em 2001, por seu conjunto arquitetônico. Essa foto da Cruz do Anhanguera, que fica em frente à antiga casa da poeta Cora Coralina, foi tirada por mim, para a aula de fotografia. Fiz uma montagem com essa imagem, pois ela é símbolo de uma era, de memórias que retratam só um lado da História, da colonização bandeirante. Quantas narrativas foram silenciadas por essa imagem? Por que só ouvimos e homenageamos os opressores? Está mais do que na hora de contar as outras histórias, de dizer quem realmente construiu nossa cidade, à custa de muito suor e sofrimento.

A Imagem 10¹⁰ é um desenho de Sophia de 2016. Nele, ela retrata uma mulher negra, carregando uma trouxa na cabeça. Trata-se de Maria Grampinho, que viveu na Cidade de Goiás e passava o dia perambulando pelas ruas. Maria Grampinho usava uma quantidade enorme de grampos em sua cabeça e todo botão que encontrava ela pregava em sua roupa. Quando caía a noite, ela voltava para o porão da casa da poetisa Cora Coralina, onde dormia.

A Imagem 11¹¹ trata-se de uma foto tirada nas férias na praia em Florianópolis. Todos os anos em que foi possível viajar em família, eu faço questão de tirar uma foto

⁷ Fonte: acervo pessoal.

⁸ Fonte: acervo pessoal.

⁹ Fonte: acervo pessoal.

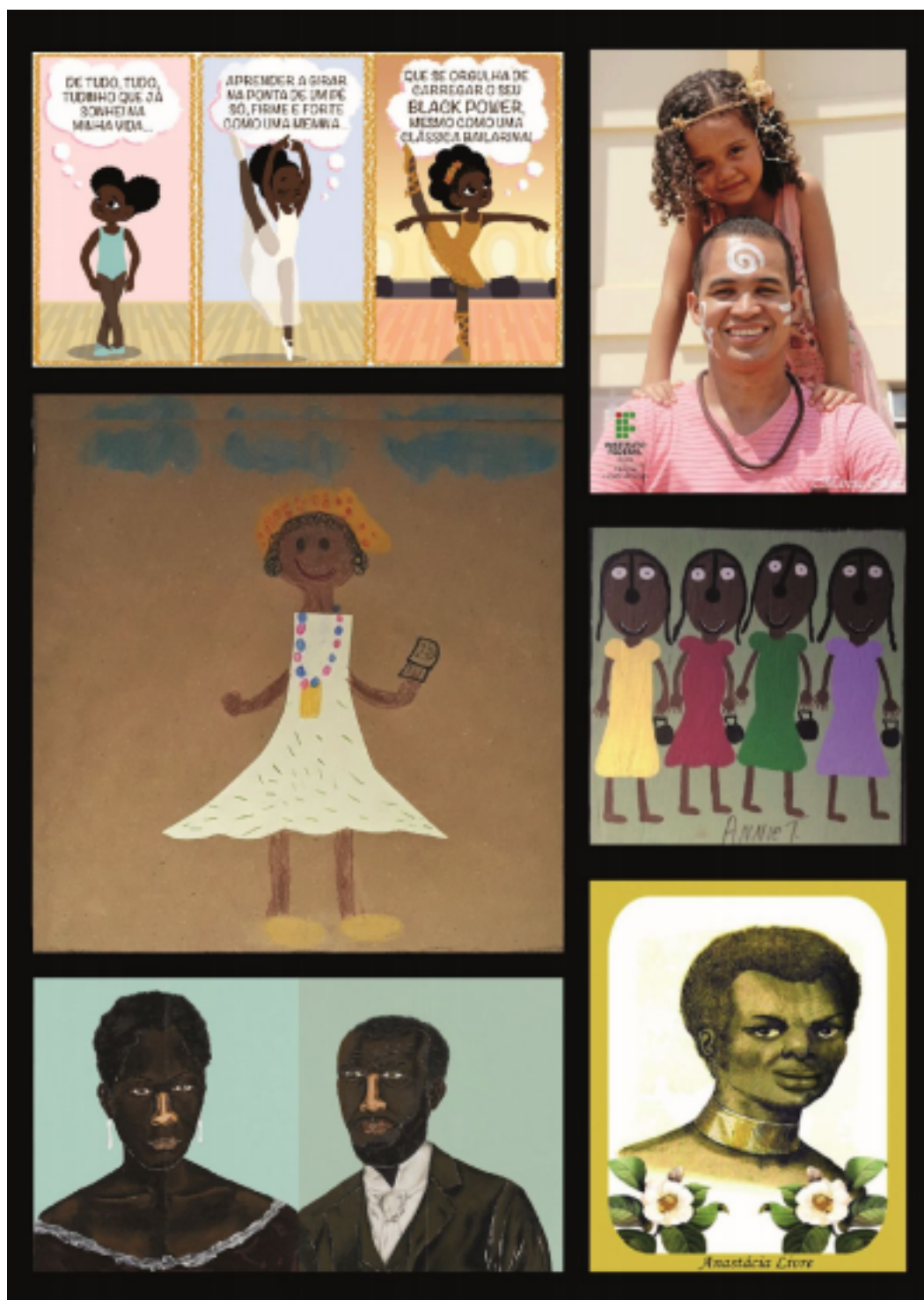
¹⁰ Fonte: acervo pessoal.

¹¹ Fonte: acervo pessoal.

de nós três, eu e minhas duas filhas, apreciando o mar. A imagem retratada remete a um momento de reflexão sobre quais as possibilidades do que alcançaremos. Nós três, mulheres e com identidade distinta, cada uma com sua singularidade-mesmo estando em uma mesma família cada uma possui seu processo identitário.

Todas essas imagens apresentadas se cruzam em uma projeção de histórias. Nesse caso, de histórias que estão evidenciando narrativas apagadas no processo da construção da identidade negra. Ao dar ênfase a essas novas narrativas, a criança consegue enxergar e perceber que é possível, com sua cor, seus traços e seu cabelo, conquistar um espaço de respeito e prestígio em nossa sociedade o espaço escolar é um bom lugar para começar a desconstruir as culturas visuais normativas às quais somos conduzidos sem questionar e aceitamos, passivamente, passando adiante falas e comportamentos que fazem com que o preconceito seja uma atitude normal em nossa sociedade.

Na sequência, temos o **Painel 3**, o último apresentado nesta pesquisa:



Na Imagem 12¹², vemos a personagem Tayó, de uma tirinha a qual retrata uma criança que tem orgulho de ser negra e de seus diferentes elementos de identidade. Sua autora, a escritora Kiusam de Oliveira, apresenta a criança negra, Tayó, retratada de forma feliz e expressando seu sonho de ser bailarina, mas preocupada com a imposição

¹² OLIVEIRA, Kiusam de. Série de tirinhas traz reflexões sobre cultura negra e empoderamento. Ceará Crioul. By Rafael ayala/ 18 de Janeiro, 2020 <https://cearacriolo.com.br/novo/author/rafael/> Acesso em: 18 de Janeiro de 2021.

que pode haver sobre ela em relação ao uso do cabelo para a prática do balé. A personagem carrega com orgulho seu *black* e sonha com o dia em que as pessoas não digam a ela que deve prendê-lo, domá-lo ou amarrá-lo. Sabemos que o ballet é uma dança clássica e elitista, havendo, ainda, poucas dançarinas negras ou dançarinos negros ocupando esses espaços.

A Imagem 13¹³ é do projeto LUZ NEGRA, promovido pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro, Indígena, de Gênero e sexualidades (NEABÍ-NUANCES) IFG-Câmpus Cidade de Goiás, que teve o intuito de colocar em ênfase os corpos negros para dar a eles uma visibilidade e o reconhecimento de suas belezas. A imagem retrata Sophia e seu pai, que foram escolhidos, entre tantos outros, para suas fotos estarem em destaque em um *banner* pelos corredores do IFG - Câmpus Cidade de Goiás, e que depois ficou exposto pelos outros Câmpus do Estado.

A Imagem 14¹⁴ trata-se de um desenho que Sophia fez em 2016, no qual ela se projeta na vida adulta, cheia de afazeres, com adornos que enfeitam sua cabeça e pescoço, sonhando em ocupar lugares de prestígio social; de forma segura e leve. A imagem pede uma quebra dos paradigmas sociais, mostrando que o seu corpo é livre para estar onde quer que ela deseje. Assim, espaços que antes poderiam ser negados à criança negra, se tornam possíveis.

A Imagem 15¹⁵ é uma obra da artista estadunidense Annie Tolliver. Uma característica marcante de sua história é que seu pai sempre encorajou seus filhos a pintarem. No início, seus quadros foram vendidos e assinados por ele, Mose Tolliver. Quando alguém anunciou que se interessava por seus quadros, mas só os compraria se ela os assinasse, então Anne Tolliver decidiu seguir sozinha. A princípio tentava desenhar como seu pai, mas logo percebeu que deveria pintar como ela gostava. A artista relata que suas pinturas são inspiradas pelo que a faz sorrir: família, filhos e animais.

A Imagem 16¹⁶ é uma obra do artista Dalton de Oliveira, que trabalha com

¹³ Fonte: acervo pessoal

¹⁴ Fonte: acervo pessoal

¹⁵ TOLLIVER, Anne. Disponível em:

<https://s2.glbimg.com/7cfpMe8fvkCFuInU1PdZDDEJKDM=/smart/e.glbimg.com/og/ed/f/origin/2020/06/03/artistas-negros-annie.jpg> Acesso em 18 de Janeiro de 2021

¹⁶ DALTON Paula. in: enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em:

https://s2.glbimg.com/XTKgYRcqN3S_5_I6OL_69LXaZfI=/smart/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2020/06/03/artistas-negros-dalton-paula.jpg. Acesso em 18 de Janeiro de 2021

saberes tradicionais da cultura negra, faz uso de plantas, como a guiné¹⁷, em uma tentativa de acalmar senhores perversos. Ele traz um debate sobre ~~de~~ corpos que são silenciados e também usa seu corpo, em performances, como caminho para compartilhar essas questões.

A Imagem 17¹⁸, do artista Yhuri Cruz, na exposição do “A voz de Anastácia” (2019), se refere a um monumento recriando a imagem da escravizada Anastácia, sem a mordaca e sem o grilhão no pescoço. O artista retirou dessa imagem histórica anos de silenciamento. Trata-se de conjunto monumental de afresco, que se encontra em diálogo com um singelo sorriso estampado no rosto de Anastácia. Ao lado ficou à disposição, para quem quisesse levar para casa, santinhos com a imagem e uma oração.

Para dimensionar o significado dessas imagens para o debate apresentado neste trabalho e por compreender a importância de captar a percepção da própria Sophia acerca dos seus desenhos e dos painéis com as imagens que selecionei, mostrei a ela os três Painéis com seus desenhos e as imagens escolhidas para fazer o cruzamento. Então, fiz-lhe duas perguntas, às quais ela respondeu:

Pesquisadora (mãe de Sophia): Sophia, o que você gostaria de compartilhar com as pessoas sobre cada um desses desenhos?

Sophia: Que negros também importam (pausa e com a voz embargada de emoção) estou com vontade de chorar,

Pesquisadora (mãe de Sophia): Tudo bem em se emocionar. Pode continuar...

Sophia: As pessoas têm que entender que todo mundo é igual e que não

percebem que pessoas negras também têm sentimento, e que eu também sou bonita, que cada um tem sua beleza. Esse é um problema tão grande que até os animais sofrem, por exemplo, os gatos pretos que as pessoas dizem dar azar (pausa) aqui em casa, desde que adotamos o Sombra, ele nos deu muita sorte: compramos nossa casa e trocamos o carro, fora que ele nos dá muito amor e carinho.

Na sequência continuo perguntando:

Pesquisadora (mãe de Sophia): Sophia, você vê ligação entre essas imagens? Quais? Você incluiria ou retiraria alguma imagem aqui? Quais?

¹⁷ A Guiné é uma planta medicinal utilizada para fins terapêuticos devido à sua ação anti-inflamatória e no sistema nervoso.

¹⁸ CRUZ, Yhuri. Monumento a voz de Anastácia, 2019, Afresco monumento à voz e distribuição de santinhos de Anastácia livre. Disponível em: <https://s2.glbimg.com/7cfpMe8fvkCFuInUIPdZDDEJKDM=/smart/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2020/06/03/artistas-negros-annie.jpg> Acesso em 18 de Janeiro de 2021

Sophia: Não tiraria nem uma, achei as imagens bonitas. Elas demonstram felicidade, alguns artistas assim como eu fazem desenhos de pessoas sorrindo.

A partir do uso dessas imagens, que dialogam por questões poéticas, notamos uma garota que desde pequena se vê como negra e consegue imaginar esses espaços ocupados por ela. Uma imagem, como afirma Saiman (2014), é viajante, não se limita ao enquadramento que lhe é imposto, mas viaja com uma cigana, movendo seus braços livremente com sua dança. A imagem é “uma criação verdadeira”. (Ibidem, p 24).

Como já discutimos antes, a cultura visual tem impacto sobre a construção da identidade, pois ela influencia na forma que nós vemos retratados no mundo. Ao usarmos imagens que remetem à positivação da identidade negra, podemos dizer que isso poderá ter um diferencial no subconsciente da criança negra. A criança negra que cresce tendo acesso às informações e conhecimento da história dos negros tem a chance de crescerem sabendo da sua importância social e cultural e, portanto, pode contribuir para combater, as ações violentas a que seu corpo está sujeito.

Eu nunca dimensionei a complexidade desse assunto até ser colocada de frente com os conflitos vivenciados pela minha filha. Passei a procurar me informar e combater o racismo com tanta veemência que em algumas vezes me doía tanto que eu chorava, e muito. Sentir dor e chorar, apesar de ser natural, não provocam, por si só, mudanças. Quero que minhas filhas cresçam em um mundo que as mulheres possam ir e vir, que não sejam silenciadas ou, no caso da Sophia, discriminada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da discussão proposta neste trabalho, foi possível, partir das considerações de Ribeiro (2019a; 2019b), Almeida (2019) e Souza (1983) ampliar um pouco o debate sobre o racismo no Brasil, onde opera de maneira institucional ou não, inclusive podendo ser percebido através dos modos de agir ou de falar.

Muitas vezes não nos damos conta de que nossas posturas, por mais críticos que possamos ser, reproduzem, mesmo sem intenção, vícios de uma herança racista por conta do nosso processo de formação cultural e educacional, que reforça a ideia de que o negro é sempre visto à margem, sempre o outro, que se encontra em posição de prestígio, algo que se dá por conta da nossa herança escravocrata que sempre relegou aos negros tal condição de subordinação.

Diante desse embate que vivemos com muita força atualmente, é preciso empreender movimentos, ações que permitam que os negros sejam autores de suas histórias, que contem suas narrativas, que ocupem lugares de poder. Nesse sentido, devemos, como afirma Almeida (2019), tornar o saber um instrumento de transformação e não um objeto de disputa no qual só vence aquele que tem o privilégio de ser branco e de ocupar os espaços sociais que deveriam ser direito de todos, independentemente da cor da pele.

Ao ingressar no curso de Licenciatura em Artes Visuais, tornei-me, aos poucos, mais consciente sobre várias pautas que envolvem as questões das identidades negras. Trata-se de um processo de desconstrução e descolonização do meu próprio olhar e das minhas posturas como educadora. É com essa perspectiva de crítica e autocrítica sobre tal processo que pretendo atuar como Arte-Educadora.

Além disso, graças ao meu lugar de mãe de uma criança negra, me tornei mais consciente sobre essa pauta a partir do momento que percebi as características físicas da minha filha. A graduação me deu mais consciência e argumentos sobre essa pauta e me faz refletir todos os dias. Desse modo, já não uso as redes sociais da mesma forma, penso muito antes de adicionar uma imagem, pois tento entender se ela favorece a manutenção do racismo ou se contribui para a transformação social, se contribui para uma postura antirracista. Não assisto a filmes, séries ou novelas como antes – agora,

questiono falas e até como são apresentadas as personagens. Este lugar de mãe e Arte-Educadora me torna muito mais responsável ao lidar com as questões da minha filha em seu lugar de criança, uma criança negra. Sou mãe de duas crianças que possuem identidades diferentes, uma é negra e a outra é branca, e trabalho sobre essas questões com as duas porque em sala de aula será da mesma forma: alunos com identidades diferentes e que deverão respeitar tais diferenças.

Assim como afirma Ribeiro (2019a), é responsabilidade das pessoas brancas, também, combater e falar sobre o racismo. É dever de todos nós combater o racismo e, além de pensar, implementar formas de trazer as narrativas e um novo olhar para o campo educacional dentro e fora das escolas. É preciso que todos tomem conhecimento de que muitas falas e condutas configuram racismo, ainda que estejam disfarçadas de piadas, brincadeira e expressões sem maldade.

Devemos pensar em meios e ações para combater qualquer tipo de racismo, dando aos jovens mecanismos de defesa para que eles possam questionar criticamente estigmas e signos que são introduzidos em nossa educação como fatos naturais, e a arte tem uma grande contribuição a fazer nesse processo de desconstrução.

Como uma futura Arte-Educadora, mesmo que não exerça a minha profissão ainda, estou sempre educando, seja em espaços escolares ou em espaços não-formais ou informais. Busco me atentar para a conduta, postura ou falas, tentar trazer o máximo possível de imagens diferentes para que possamos construir as mais diversas identidades.

Ao propor o estudo dos autorretratos de Sophia e o seu cruzamento com outras imagens, meu intuito era provocar tais reflexões sobre racismo e representatividade. A partir da construção dos Painéis 1, 2 e 3, foi possível observar a importância de se nomear as opressões, pois não conseguimos combater o que não tem nome. A imagem pode agir de forma positiva na construção identitária. A criança que tem acesso a uma educação que valorize as várias existências terá o benefício de saber combater, não só o racismo que reside em nossa sociedade, mas também romper os estigmas de que o conhecimento surge somente da cultura branca.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

DIAS, Belidson: **Pesquisa educacional baseada em artes: a/r/tografia/**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. In: **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei n. 10.639/2003, de 09 de janeiro de 2003**.

Disponível em:

<<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>> Acesso em 02 out 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei n. 11.645/2008, 10 de março de 2008**.

Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm> Acesso em 02 out 2020.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. Bases conceituais da pesquisa qualitativa. In: ESTEBAN, Maria Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação: Fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010. (p. 122-144).

FERREIRA, Aurélio. **Minidicionário da Língua Portuguesa, 2ª edição**, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio De Janeiro, 1988.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Irente e TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e Contextos**. Editora UFSM, 2011.

IABELBERG, Rosa. **Desenho na educação infantil**. Editora Melhoramentos, 2013.

OLIVEIRA, Flávio Gomes. **Patrimônio imaterial, História oral e stop-motion: animação de “Maria Grampinho”**. Cidade de Goiás-Go: UnB, 2018.

RIBEIRO, Djamila: **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila: **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

FREIRE, Paulo: **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário Internacional Sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos**, 2, 2004, Bauru. A pesquisa Qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, 2004. Disponível em

<https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

SAMAIN, Etienne: **Como pensam as imagens/organizador:** Etienne Samain-Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

SILVA, T.R. (2018). A valorização da identidade da criança negra desde a educação infantil. **Cadernos de estudos sociais**, 32(2), 53-75. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1701/pdf>>. Acesso em 08 de janeiro de 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em Ascensão social/** Neusa Santos Souza. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.